

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Raquel Sarti Dantas

Entrevistado: Karine Benedicth Leão

São Paulo, 22 de maio de 2025

Duração: 01 hora e 17 minutos

Realizada na biblioteca da ECA - USP

Karine: Meu nome é Karine Benedicth Leão, hoje é dia 22 de maio de 2025 e eu autorizo essa conversa.

Raquel: Muito obrigada. Eu vou começar a entrevista com umas perguntas um pouco sobre o seu percurso inicial, não na carreira, mas na vida, quando você nasceu, onde você nasceu, onde você morou, se você já morou em vários lugares, enfim, e o que você gostava de fazer, nesse período da escola e quando você era criança, de onde que veio as artes também? Meio por aí.

Karine: Nossa, é uma coisa de terapia, gente [risadas].

Raquel: Pois é [risadas] é isso, a gente pode começar por onde você nasceu, onde você morou, um pouco assim.

Karine: Eu nasci aqui em São Paulo, na periferia da zona Leste de São Paulo, em um bairro chamado Jardim Marília. Ele fica perto da Cohab, do Arthur Alvim, fica entre Arthur Alvim e Itaquera. A minha avó foi a quarta moradora desse bairro. Minha mãe casou com o meu pai na rua, no número 678, e meu pai morava no número 211. Eles se conheceram adolescentes, na mesma rua. Eles estudavam na mesma escola. Então, eu nasci nesse bairro, Jardim Marília, na Zona Leste de São Paulo, periferia, em 1992. O que mais?

Raquel: Ah, você ficou por lá? Quando você era criança, você morava ali mesmo? Vocês se mudaram? Onde você frequentou a escola?

Karine: Minha mãe separou do meu pai quando eu tinha quatro anos. A gente morava... Quando minha mãe casou, ela foi morar na casa que era do meu pai. E aí ela separou do meu pai quando eu tinha quatro anos, e aí a gente foi morar na Cohab 2, que tinha acabado de lançar. Foi o primeiro empreendimento que a minha mãe comprou, porque a Cohab foi um programa de assistência social, né? Então, os apartamentos eram muito baratos, então minha mãe conseguiu comprar, e aí a gente foi morar na Cohab 2, que era perto de Guaianazes, já. Chegando em Guaianazes, era um tanto longe da casa da minha avó. E minha mãe precisava me deixar na casa da minha avó durante o dia, para que ela pudesse trabalhar. E eu estudava, as escolas que eu estudava, eram ali na região do Jardim Marília. Nessa época, eu estudava em uma escola de educação infantil, particular, do bairro. Naquela época, ainda não tinha

essa divisão de CEI, EMEI e EMEF. Tinha EMEI, mas eram outras idades, enfim, eu ainda estava em uma escolinha, uma famosa escolinha, que seria uma creche. Era na região do Marília. Então, minha mãe saía de casa comigo, tipo, 5h30 da manhã, me deixava na casa da minha avó, lá no Jardim Marília, também, lá de Guaianazes. Me deixava lá na minha avó. E aí, o pirueiro passava na casa da minha avó, para me buscar, para me levar para a escola, e depois me deixava de volta. E aí, a minha mãe ia na casa da minha avó, me buscava e me deixava para casa. Minha mãe fez isso por muitos anos. E aí, quando eu tinha uns 7, 8 anos, ela entrou na faculdade. Então, ela me deixava na casa da minha avó, nesse horário, 5h30 da manhã, e voltava para me buscar meia-noite. Ia pra casa dormir e voltava. Nessa época, mais ou menos, quando ela entrou na faculdade, ela conseguiu, a gente conseguiu se mudar da Coab 2, a gente veio morar na Coab 1, que era no Arthur Alvim. Porque era um pouco mais perto da casa da minha avó. E a minha mãe se incomodava muito com a movimentação noturna da Cohab 2. Tinha um samba na frente da nossa janela.

Raquel: E você se incomodava?

Karine: Tinha um baile, eu não lembro. Eu não lembro, eu era muito pequena. Eu lembro do dia da separação, do dia que a gente foi embora, eu lembro que foi um evento. E eu fiquei, nossa, vou ter duas casas. E aí, minha mãe achou umas coisas antigas dela, achou uma boneca toda estropeada, assim. Eu adorei, porque tinha um vestido de bruxa, e eu não era uma criança muito de bonecas. E aí tinha o vestido de bruxa, tal, era meio uma raridade para mim. Mas eu não lembro do samba. Mas eu imagino que deveria incomodar muito a minha mãe, porque ela, tinha esse percurso, ela queria dormir, descansar e tal. E aí, a gente foi... Não, mentira, eu lembro de um dia abrir a janela de madrugada, porque eu tinha feito xixi na cama, uma coisa assim, e acordei de madrugada. E abri a janela de madrugada, e tipo, sambão comendo solto, assim, uma roda de samba na porta, assim. Fiquei olhando, a gente morava no, sei lá, no quarto, embaixo, e dava para ver, assim. E aí, fui morar na Cohab 2, então, enquanto minha mãe estava fazendo faculdade, e aí, quando ela terminou a faculdade, ela teve uma promoção no trabalho, e aí, a gente se mudou para a Vila Matilde. E aí, na Vila Matilde, foi quando eu entrei para o ensino fundamental, então, esse Cohab 2, Cohab 1, Vila Matilde, aconteceu dos meus quatro aos meus sete anos. Com sete anos no ensino fundamental, aí eu entrei para uma escola particular do bairro, que se chamava Escola São José de Vila Matilde, católica, né. Que custou a vida da minha mãe, porque ela trabalhava muito para pagar a mensalidade. E ela tinha conseguido um desconto, uma bolsa, assim, então, rolava uma cobrança muito, de eu ter um bom desempenho na escola, para que esse desconto continuasse acontecendo.

Raquel: E você sentia isso na época? Tipo, os professores ficavam muito em cima?

(6'56'')

Karine: Não ficavam muito, eu sempre fui boa aluna assim, fui uma criança muito... Gosto de estudar, desde sempre, sou uma pessoa curiosa, então eu não sentia essa pressão dos professores, mas a minha mãe me pressionava muito quanto às notas. Na época, eu não entendia o porquê. Eu fui entender isso quando eu saí do São José e aí, por um acaso, eu

peguei um boleto, e aí no boleto estava escrito “desconto de tantos por tantos”, “30%”, “40%”, “aluno bolsista”, estava bem grande, e aí foi um choque para mim. Em nenhum momento minha mãe me contou que eu era bolsista, mas tinha uma coisa, Raquel, da diferença social, que eu nunca tinha entendido. Eu tive uma situação na escola, nessa época...nem sei se era para eu já falar...

Raquel: Não, pode continuar...não tem um roteiro específico.

Karine: Mas é que isso foi formador, assim, isso diz respeito do porquê que eu escolhi trabalhar na escola pública.

Raquel: Ah, legal.É isso, tá no roteiro.

[risadas]

Karine: Eu continuava indo para a casa da minha avó, minha mãe pagava a perua. Então, o perueiro ele me buscava lá pela Matilde e me deixava na casa da minha avó. E aí teve um dia, lá no Marília, né, minha avó tinha uma... Veja, minha avó foi a quarta casa do lugar. A casa dela era do jeito que ela construiu. Tipo, 40 anos atrás. Era uma casa muito simples, uma casa de periferia. Eu não sabia que existia outro jeito de existir num mundo que não fosse aquele, daquele jeito, aquelas pessoas andando daquele jeito, vestidas daquele jeito, aquelas relações. Aquela casa, que para mim era a casa mais linda que existia no mundo, porque tinha taquinho de madeira no chão. E aí no dia eu estava no... Eu tinha, sei lá, uns 10 anos, 11 anos. Uns 11 anos. E aí eu tinha um trabalho de escola para fazer. E aí eu, desse meu jeito, “Ah, vem todo mundo em casa!”, e aí eu convidei as meninas do meu grupo para irem na casa da minha avó fazer o trabalho comigo. E aí eram quatro meninas. E aí chegou na casa da minha avó, aí foram todas na perua, o tio da perua levou e tal. Chegou na casa da minha avó. Elas ficaram em choque, elas não queriam entrar, e eu não estava entendendo por quê, e eu super feliz, e minha avó assim... “Olha” - naquela época não tinha celular - minha avó falou assim... “Você não me avisou que você ia trazer ninguém hoje? O que eu fiz de almoço é arroz, feijão e ovo.” Para mim tava bom, eu comia arroz, feijão e ovo todo dia, almoço e janta, gente! Não tinha assim...o que significa comer arroz, feijão e ovo? Era isso que tinha de comida. E aí uma das meninas não quis comer. Ela se recusou a comer. E aí todas elas ligaram para as famílias irem buscar. E aí teve uma comoção, e eu não estava entendendo por quê elas estavam indo embora antes do trabalho acabar, antes de terminar. Só uma das meninas ficou, que era uma menina que morava no bairro do lado, que a gente já se frequentava a casa, a gente era muito amiga. E assim... Eu não entendi muito bem aquela situação. No dia seguinte, estava rolando um boato na escola que eu morava na favela. Naquela época aquilo acabou comigo. Eu não conseguia entender, que diferença era essa tão grande da casa da minha avó com arroz, feijão e ovo para o que elas viviam. Foi uma coisa que marcou na minha trajetória, porque quando eu entrei no Ensino Médio, no primeiro ano do Ensino Médio, eu decidi que eu não queria mais estudar naquela escola, porque é isso, eu passei o Ensino Fundamental sofrendo muito bullying. O Ensino Fundamental inteiro. Eu não sabia que eu era bolsista, não entendia essa diferença social. Eu não conseguia entender essa coisa das coisas, que as pessoas olhavam muito que eu não tinha. Para mim, era tipo... Pra que que eu quero? Sabe

assim, eu não ligava muito. Por que eu quero bobby boots se eu posso desenhar o meu bobby boots? E aí, no primeiro ano do Ensino Médio, eu falei, não, eu não quero mais estudar nessa escola, eu quero trabalhar, eu tô de saco cheio. Aí, no segundo ano do Ensino Médio, eu fui estudar numa escola estadual. Foi a minha primeira vez estudando numa escola pública. Eu tinha estudado na EMEI, na escola pública, mas a EMEI tinha sido traumatizante. Eu lembro até hoje, da professora me pegando pelo braço. Tinha sido... Eu era uma criança um tanto sensível. E aí... Então, eu tive contato com a EMEI, e depois no segundo ano do Ensino Médio. Quando eu entrei, eu falei, gente, por quê que eu não vim para cá antes? Tinha um senso de comunidade que me tocou muito. E aí, eu já mais velha, comecei a entender o que é que me diferenciava tanto das pessoas da escola na qual eu estudei quase a minha vida inteira. Lá, na escola estadual, não tinha essa diferença. Eu era só mais uma. Era meio nerd, mas tudo bem, e as pessoas conviviam. E aí, tinha uma menina na sala que estava grávida e a gente fez um chá de bebê pra ela. E aí, sabe? Assim, era isso, assim. E aí, foi a escola que minha prima mais velha tinha estudado, minha prima-irmã, ela também viveu, criada pela minha avó, nós convivemos como irmãs, criadas pela nossa avó. Uma situação de vida bem parecida, só que a Carol estudou a vida toda na escola pública. E aí, ela tinha estudado nessa escola. E aí, alguns poucos meses depois, um outro primo meu, um tanto distante, foi estudar nessa escola. Então, tinha uma coisa meio familiar, assim. Quando eu dizia pro professor de Física, “eu sou prima da Carol”, “Ah, Carol é boa aluna...!” E aí, tinha essa coisa, esse carinho, assim, não só pelo fato de eu ter uma certa relação familiar com a escola, mas pelo fato de eu gostar de estudar. Então, os professores gostavam que eu gostava de estudar e eu gostava de conversar com eles. E aí, o professor de Filosofia falou, você precisa prestar o vestibular pra USP, aí eu falava “Não, mas eu tenho que trabalhar”, aí ele falava “Não, mas lá você arranja uma bolsa...”. Então, assim, lá me foi apresentado o mundo possível pra mim, que foi o contrário do ensino fundamental na outra escola, que foi me apresentado que não era possível pra mim durante todo esse tempo, esse percurso escolar todo. E aí, quando eu prestei o vestibular, eu prestei para uma universidade particular porque o curso na USP é diurno e eu precisava continuar trabalhando.

Raquel: Sim. Você prestou para Artes?

Karine: Prestei pra Artes, Visuais.

Raquel: É foda, né? É diurno e de tarde.

Karine: É. Eu ia ter que parar de trabalhar e isso não era uma opção pra mim. Eu precisava continuar ganhando dinheiro, porque eu já trabalhava. Com 16 anos eu comecei a trabalhar. E com 17 anos foi meu primeiro emprego como professora. Então...

Raquel: Ah é? Como? Como é que foi? Você já sabia que você queria dar aula?

Karine: Não, eu não queria.

Raquel: Começou do nada assim...

[risadas]

Karine: Eu não queria Raquel! Gente, isso aí entrou no texto da minha dissertação, acredita? Eu não queria, as pessoas falavam isso pra mim, porque eu era uma pessoa curiosa, que gostava de estudar. E eu sou uma pessoa... Eu me considero uma pessoa paciente. Então eu gosto de sentar com uma pessoa e falar “Vem cá, você devia ser professora”, e eu assim “Deus me livre! Com esse monte de aluno bocudo falando comigo...sendo desrespeitoso”. Aí minha mãe, das bolsas que minha mãe conseguiu sem me contar, eu fiz um curso de inglês numa escola de idiomas no CNA dos 12 aos 15 anos. Eu fui muito bem, eu gostava, aprendi bem, e aí eu falei, “bom essa é uma opção de emprego”. Isso me surgiu como uma opção de emprego. Os professores todos muito jovens no CNA das escolas de idiomas. E aí todos eles me incentivavam. Eles falavam, “Olha, você não precisa ter o diploma de faculdade para dar aula aqui. Quando você se formar aqui você já pode dar aula aqui”. Só que precisa ter 18 anos. Aí com 17 eu era jovem aprendiz. Naquela época tinha outro nome. Mas na Caixa Econômica, e aí, eu comecei a mandar os currículos porque ia acabar o meu estágio, comecei a mandar os currículos, e aí uma escola de inglês em Itaquera me chamou. E aí eu peguei uma turma, eu tinha três turmas no sábado, eu dava aula pra três turmas no sábado, que foi com 17 anos. Um semestre. Inteiro. Que foi quando eu comecei e aí no dia do meu aniversário de 18 anos o dono do CNA assinou minha carteira de professora. Foi um baita orgulho, um presentão assim, muito feliz de ser professora de inglês, na escola que me formou e tal. E aí eu comecei assim, sendo professora de inglês em escola de idiomas, fiquei durante a faculdade, de artes visuais, sendo professora de inglês e dizendo que “Ah não, eu tô fazendo a licenciatura porque se eu precisar de um emprego eu tenho a licenciatura. Mas eu não vou ser professora. Eu não gosto”. E amando ser professora.

Raquel: Você já tava amando nessas aulas de inglês. Como é que foi o começo? Porque então começou com inglês, né? E não com Arte. Como é que foi esse começo de dar aula? Qual era a faixa etária dos alunos?

Karine: Lá na Esquil, nessa primeiríssima experiência, eu entrei com uma turma de... Duas turmas de adulto e uma de criança. Não. Uma turma de adulto e duas de criança. Eu fiquei muito tensa pra dar aula pros adultos. Porque eu era uma menina, uma criança. Foi a primeira aula, assim. As oito da manhã. E eu passei mal. Foi horrível, aquela primeira experiência. E aí fiquei com muito medo de errar. A Skill não dá um treinamento pra gente. Não dava, né? Não sei como que é hoje. O CNA não. Antes de você entrar para dar aula, você tem um período de treinamento. Eu acho bem decente. E aí... Foi assim, tipo... “Vai! Tchau!”Uhh, e agora!” “Ah, segue o livro”, e aí eu conheci o livro da Skill. E aí eu saí dessa aula muito mexida, passando muito mal. E nessa época a escola tava sem coordenador. E aí, conversando com uma colega pra tentar entender o que eu faço, como que eu lido, com isso e tal. Ela... “Ah, eu tô com a turma tal, que é de criança...Tô odiando pararaparara” e eu falei... “Nossa, eu gosto de criança”. Ela “Então vamos trocar?”, “Vamos trocar!”. Eu fiquei muito feliz de trocar, dar aula para criança, eu gostava muito de criança. Eu sempre gostei muito de criança. E ela me botou numa enrascada, Raquel...Porque ela era uma professora muito experiente já. Ela tava fazendo letras aqui na USP. Pra ela era muito mais confortável ficar na escola, na, turma de adultos, porque essa turma de crianças, eles saíram matriculando crianças de muitas faixas etárias diferentes. Na mesma turma, era uma turma com 25 crianças. De, tipo, 5 a

10/11 anos. E aí, nos níveis lá da escola da Skill, eles têm níveis por faixa etária, então, 4 e 5 anos é tal, 6/7 é outro. E aí, eram crianças, tipo, com níveis diferentes. Livros diferentes. Aí...

Raquel: Quanto tempo tinha a aula?

Karine: Era uma hora e meia. Era tempo pra caramba, assim. Porque eram 3 turmas no dia, eu entrava às 8 da manhã, saía às cinco e meia. E essa era uma turma, assim, confusão, assim, total. Confusão total. E eu falei, “Tá tudo bem, nós vamos brincar”. E aí, assim, confusão total, mas com as crianças eu desenrolei, já com os adultos não tanto, que eu fiquei..tensa. E aí a gente brincava pra caramba e brincava em inglês. E aí a coisa foi indo, aí fazia um exercício de um livro, um exercício do outro. Porque as famílias queriam que tivesse ali o material tão caro, né, preenchido. Ia fazendo, e tal, e foi, e foi, e foi. E acabou. Quando eu entrei pro CNA, a gente teve um período de treinamento, que você conhece o material didático [áudio inaudível], tudo que tinha pra conhecer. E aí era uma escola nova, tinha acabado de abrir. E a coordenadora era uma pessoa muito experiente da rede, do CNA. E aí, na entrevista, ela fez questão de perguntar com qual faixa etária eu me identificava mais. Então, a gente tinha um combinado que o primeiro semestre seria um semestre meio de teste com as faixas etárias de todos os professores. E aí, ela me colocou no mesmo horário que uma professora muito experiente também, que já tinha dado aula em outros lugares, a Daniela, que foi uma pessoa maravilhosa, assim. E aí, a gente fazia os intervalos juntas. Então, eu conseguia aproveitar o que a Daniela tinha pra me ensinar. E aí, isso foi muito bom. E aí, eu já tinha as turmas das crianças. Me identifiquei super. E aí, eu era a professora na escola de criança. Normalmente, os professores de inglês não gostam muito da escola de criança. Porque dá trabalho. Então, eu ficava feliz, assim. E aí, eu tive muitos alunos, eu tenho fotos de todos eles. Tenho histórias maravilhosas de todos eles. Fiquei por um tempo, assim, depois fui para outra unidade. Eu construí uma certa história, eu tenho muito carinho e eu acho que me formou muito também pra ser a professora de artes que eu sou. E aí, outra coisa importante, que você vai me perguntar no projeto pedagógico. Eu era uma professora que organizava as festas da escola.

Raquel: Ah, desde sempre?

[risadas]

Karine: Desde sempre, Raquel. “Ai, vai ter o Halloween”. Eu: “Ai, vai ter o Halloween! Me compra tinta guache”, pintava a parede da escola com a tinta guache. Todas as mãos ensanguentadas e não sei o que, e aí, comprei um monte de fantoche, e tinha um negócio chamado Kids Day, que era um dia que a escola abria pra as crianças trazerem amigos, pra fazer matrícula, né? Um negócio de divulgação, marketing, assim. Normalmente, as escolas contratavam palhaços. E eu não, “bora, bora”. E aí, eu juntava duas, três professoras. “Não, nós vamos fazer isso...” e eu fazia aquilo, campeonato de Just Dance, a escola enchia, bomba de matrícula. Ficavam super felizes com essa menina aí. Adorava fazer as festas na escola. É... é meio como hoje.

Raquel: E as festas da sua vida? Tipo, essas festas de cultura popular, e o carnaval, e a festa junina, isso esteve sempre aí?

Karine: Não. [risadas]

Raquel: Não? Como é que foi?

Karine: Raquel, você vai me dar esse pedido? Isso vai me ajudar na dissertação. [risadas] Ai, gente. A escola, assim, tem que vir lá pra trás, né? Eu sou filha única de uma família pobre. Eu não tive festa.. em casa. Eu tive uma festa de aniversário de um aninho, que a mãe contratou até o... filmagem, tem a fita. E era uma fita que eu amava assistir quando eu era criança e me emocionava. Eu colocava pra assistir e chorava. Chorava de emoção. De ver o cuidado que foi aquela festa. E quem fez aquilo tudo foi a minha mãe. E tava a família de todo mundo ali. Foi muito bonita aquela festa. Eu tive essa festa de um aninho e tive uma festa com sete anos, que minha mãe e meu pai estavam brigados super e meu pai quis provar o ponto pra ela e aí ele me deu uma festa de aniversário. Mas ele convidou as pessoas que eram primas de terceiro grau, crianças que eu não conhecia. E eu fiquei a festa inteira de braço cruzado, muito chateada. Fiquei querendo que minha mãe estivesse lá. Mas foi uma festa muito marcante. É isso né, festa de aniversário. Aí, na educação infantil, eu estudei numa escola de educação infantil que trabalhava festas de cultura popular. O ano inteiro. Vou perguntar pra minha mãe agora o nome da diretora. Vou ligar pra sua mulher. Vou por uma entrevista dela na minha dissertação Raquel! Preciso fazer isso. O que é isso? Não sei. Eu tenho muita foto, de pequeninha. E aí, minha mãe se empenhava muito nas fantasias. Porque a avó da minha prima, a minha avó paterna e a avó paterna da minha prima são costureiras. Nessa época, a avó paterna da minha prima, da Carol, a Carol também estudava na escola, ela não costurava pra fora, então, ela tinha um tempo e ela costurava pra gente. Então, ela fazia pijaminha. Ela fazia roupinha pra gente. E as fantasias todas. Então, teve assim, uma festa que foi pra mim muito marcante, foi a festa cigana. Sei lá que época do ano que era aquilo. Essa mulher inventou fazer uma festa, fazia na rua, todas as festas eram na rua, Raquel. E aí, ela botava as crianças da educação infantil na rua, a gente tinha uma coreografia, dançava. E aí, eu estava com as moedas. Com os palancos. E minha mãe deixou aquele dia eu pintar a minha unha vermelha. E tcha tcha thca, e dança. E aí, ela chamava, sempre tinha alguém daquela linguagem pra se apresentar pra gente. Então, na festa cigana, ela chamou um casal de dança cigana que se apresentou. Tem umas fotos desse dia que foi muito marcante pra mim. E aí, ela tinha a festa junina, a festa da páscoa, a festa do natal, vinha o papai noel na escola. Tinha muita festa nessa escola. o tempo todo tinha festa. E isso ficou muito marcado na minha vida. Porque a festa que eu não tinha em casa, de aniversário, eu tinha na escola, estava tudo bem. E eu tinha com todo mundo. E todo mundo participava. E todo mundo fazia como era mesmo, como são umas festas... Aí, eu cresci nessa escola, que negava a minha identidade, em nenhum momento a gente falava disso. São José é uma escola que tem as festas católicas. Então, a gente celebrava o dia de São José, que se cantava uma musiquinha [palmas] . E tinha a festa junina. Eu tinha uma professora que acho que ela é uma daquelas pessoas... enfim, que entendeu a abordagem triangular um pouco errada. E ai gente fazia muitas releituras, eu não tinha espaço para expressar nada lá. Eu fiquei esse tempo todo

negando, né? Essa identidade, isso tudo. Ao mesmo tempo, meu pai, todo dia de folga dele, me levava para algum programa cultural. Então, a gente ia ou para o cinema, ou para o museu. Muito cinema, muito museu. Ou a gente ia no Parque do Carmo ver as coisas que a prefeitura fazia lá. Então, tinha um show no Parque do Carmo, Jair Rodrigues. Vamos lá? Meu pai dava uma insistida nisso, e meu pai insistia um tanto para que eu tentasse voltar a me conectar com essa identidade minha, que é uma identidade mestiça. Minha avó paterna é mulher negra, meu avô paterno era um homem indígena, tinha uma necessidade da minha família paterna de circular isso comigo. Então, era uma coisa conflituosa, porque na escola eu não podia falar disso, eu estava errada, eu era pobre, favelada, blá, blá, blá. Meu pai estava tentando ali falar, não, bora para a capoeira, cacau, bora com não sei o que. E minha mãe trabalhando, não conseguia chegar, e minha avó materna, que foi a pessoa que me criou a vida inteira, me contando tudo o que ela viveu, porque ela era uma mulher nordestina, numa cidade de sei lá, dois mil habitantes, zona rural e tal, e ela ia me contando dessa vida dela. Então, fui criada nesse lugar. Aí... andei, andei, andei, passou, passou, passou a vida. Fui conhecendo muitos colegas de arte que trabalham nas linguagens da cultura popular, na escola pública, como uma maneira de falar dessa identidade, nossa, dessas nossas identidades. E colocar os estudantes em contato com a arte e a cultura brasileiras. E aí, fui conhecendo o Theodomiro Dias, que é a escola que eu trabalho.

Raquel: Quando que você chegou lá?

Karine: Em 2020. Pandemia né. Quando a gente voltou da pandemia... Quando eu fui para lá, na verdade, foi uma amiga que me convidou, pedi remoção, deu certo. Tinha uma expectativa muito alta com o meu trabalho. Porque eu fui removida para lá e as pessoas que me indicaram na escola já me conheciam e conheciam o meu trabalho.

Raquel: O que você estava fazendo antes?

Karine: Eu estava em outras escolas. Dando aula em outras escolas.

Raquel: Você já tinha esse projeto?

Karine: Não tinha. Não era a cultura popular. Eu trabalhava arte contemporânea, de diversas maneiras, mas sempre muito preocupada com as identidades dos estudantes, dos espaços, das comunidades, dos territórios, mas não trabalhava a cultura popular. Trabalhava muito os artistas brasileiros. Dificilmente eu trazia, mesmo na arte contemporânea, dificilmente eu trazia a hegemonia assim, eu falava bastante de Brasil. Aí, eu cheguei na Theodomiro com essa expectativa muito grande, porque os professores que estavam lá, uma delas já estava em um processo de adoecimento muito longo, há muitos anos, então os estudantes estavam sem aula de arte há muito tempo, numa situação super delicada, mas ao mesmo tempo muito complexa. Isso é uma coisa muito comum nas escolas. E o professor do ensino fundamental 2 estava prestes a se aposentar. Então, ele já estava assim também, e ele dizia assim, com muita tranquilidade “Ah, gente, eu logo me aposento, eu não vou mover muitas montanhas, e está tudo bem”. Então, as pessoas estavam muito... tinha uma pressão assim. O que a Karine vai fazer aqui? E aí, eu falei “Bom, tá bom, então me contem, quem são essas pessoas que estão

aqui, né?” Para eu saber como eu vou fazer para trabalhar. E aí, logo em fevereiro teve o carnaval naquele ano, em 2020. E eu fiquei horrorizada. Porque, eu casei, já era casado com uma pessoa que vem da tradição do carnaval. Já tinha uma vivência de carnaval. Eu estava nessa de tentar recuperar a minha identidade enquanto mulher brasileira, né? Então, eu já estava me aventurando um pouco pelas culturas populares, pelo maracatu. Já estava um pouco mais envolvida com isso. Ainda não ligando isso com a minha prática profissional, né? Estava num lugar muito íntimo, assim. E o carnaval de 2020 foi: o professor de arte, fazendo máscara veneziana e pendurando pela escola, e o baile, eram todos os alunos no pátio, a coordenadora numa mesinha, assim, na frente do corredor que dá para a sala dos professores. Que é onde conseguia ligar a mesa, a tomada do computador. Uma caixa de som. E os alunos, assim “Eu quero tal música, eu quero tal música, eu quero tal música..”. E a ela sentada ali, que eu fiquei com ela ali, não dava para ouvir o que tocava na música. Quem estava do outro lado do pátio, que é onde você conseguia ouvir a música, porque o som estava tão alto que distorcia, era funk proibidão, só que eles estavam pedindo. Como os nomes são? Tipo... Senta. Não, não diz muito, né? Ela saía colocando, no Spotify enlouquecida. E eu fiquei assim “Meu Deus.. Isso não é um baile de carnaval, Brasil. O que está acontecendo?” Fiquei horrorizada, Raquel. Aí acabou aquilo e eu falei “Gente eu vou ter que assumir isso aqui, a gente precisa falar de carnaval nessa escola, tá errado!”. “Ah, mas a gente faz assim há muitos anos...”. “Não, está errado, não vai fazer mais! Não, não vai fazer mais, tá? Nós vamos resolver. Isso aqui, esse problema”. Aí a gente começou o trabalho. Fizemos ainda naquele ano uma saída pedagógica na exposição no SESC, que foi muito bacana. Eu estava grávida. Da Iara, minha segunda filha. A pandemia, acabou, acabou o mundo. E aí, nesse período de pandemia, eu fui me dando esse trabalho de conhecer meus colegas. De saber o que que eles trabalhavam... Pensando dentro da dinâmica do trabalho, de entender que que eles estão trabalhando. Que assunto que vem agora. Que sequência que vem em geografia, em história. Quanto tempo você está na escola? Por que você gosta daqui? O que você faz aqui? Ah, você, os alunos te adoram. Por que a gente adora? O que está acontecendo? Aquela lá. Que todo mundo odeia. Por que todo mundo odeia? Fui fazendo isso assim, durante a pandemia. E aí, quando a gente voltou, eu voltei para o Ensino Fundamental 1, em 2021.

Raquel: Que é a galera que está agora no oitavo, no sétimo?

Karine: É. Uma boa parte. Quem estava no segundo ano naquela época, agora já está no sexto. Aí, a gente voltou e as crianças não sabiam conviver. Porque foi quase dois anos, né? As crianças do primeiro ano, elas não tiveram educação infantil. Então, a gente voltou, aquele medo, eu com bebê pequeno em casa. Era uma situação muito inóspita para a volta. Muito difícil. E aí, de novo. Falei “Que que nós vamos fazer aqui?”, “Vamos brincar”. Vamos brincar, gente. Vamos brincar. Vamos brincar. E aí, eu comecei a fazer essa aproximação com as crianças a partir das brincadeiras. E as brincadeiras que faziam sentido para mim ali, são essas brincadeiras do imaginário popular. Então, a gente foi fazer balangandan e correr pelo pátio. Os balangandan assim. A gente foi brincar de roda. A gente brincava de amarelinha. A gente desenhava o corpo. Aí, eu comecei a maratona o “Territórios do Brincar”, que é um documentário, né? Feito por um instituto, chama Instituto Alana, de... meio uma catalogação de brincadeiras para o Brasil a fora. Aí eu falei, vou estudar isso aqui. Comecei a mostrar

para as crianças. E comecei a cantar as músicas que eu cantava com os meus filhos em casa. Então, músicas do Congo, músicas de Angola, de Moçambique. E cantava com as crianças. E vamos cantar. Vamos brincar, gente. Meio as coisas que eu fazia em casa. Que eu gostava de fazer em casa com os meus filhos. Eu ia fazendo com as crianças na escola. E a palhaça roubra, que eu adoro. A gente assistia o show inteiro da palhaça roubra na escola. E... Brincando. E aí... Depois desse tempão, a gente brincando, brincando, brincando. Eu falei, agora preciso conhecer um pouco mais a fundo as crianças. Aí, já tinha... Todo mundo já tinha voltado para a escola, já estava aquela loucura. E aí, eu fiz um projeto que se chama os "Retratos da Theodomiro Dias". Baseado no... Na Bienal de Arte de São Paulo, que foi naquele ano, trouxe os retratos do Frederick Douglas, que foi um abolicionista. Tinha uma parede lindíssima na Bienal, com todas as fotos, gigante, lindo, e o material educativo trazia esses relatos e tal. E aí, eu apresentei para as crianças o Frederick Douglass como um super-herói. E aí a gente começou a pensar, quem são esses super-heróis? Foi muito legal, as crianças trouxeram "Ah, minha avó...". E aí eu trouxe para eles a coisa do retrato, que o Frederick Douglass não gostava de ser pintado, porque ele dizia que... Se ele podia colocar a visão dele no mundo, ele queria ser retratado como ele é. Ele falava, o que pode me retratar é a fotografia, que é a única coisa que vai me retratar como eu sou. E aí, eu trouxe isso para as crianças e falei, vamos fazer agora os nossos retratos. E aí, a gente se debruçou, assim, um bimestre inteiro nos retratos, nos auto-retratos. Tem um espelho grande lá no ateliê da escola e foi na mesma época que eu comecei a ocupar aquela sala e transformar no ateliê. Era um depósito.

Raquel: Ah, faz sentido. Não tinha pia ainda né?

Karine: Não tinha pia. Não tinha mesa. Não tinha cadeira. Não tinha nada. Tinha um espelho e uma televisão. E aí, eu fui fazendo esse trampo de levar as cadeiras, as mesas. Materiais, papéis. Consertar armário. Limpar. Eu fazia tudo isso, assim.

Raquel: E foi fácil conseguir essa sala? Teve disputa, ou falaram, "Tá livre"?

Karine: Não, não, estava tranquilo. Então, é isso, tinha uma expectativa do meu trabalho. Quando eu cheguei para de fato trabalhar no presencial, as pessoas estavam muito esperando o que eu ia fazer. Então... Tipo, "Vem aí". Aí eu falei, "Então, eu vou fazer, gente". É isso. E aí, transformei a sala que era um depósito no ateliê e a gente tinha um espelho para se olhar, desenhar. E aí, eu retratei todas as crianças da escola na minha câmera. E a gente tinha visto os retratos do Frederick e toda vez eles posavam assim [Karine faz uma pose] para a câmera, de máscara. Lindos! Aí montei um painel na escola, no corredor das salas de aula, no segundo andar, com as fotos de todas as crianças. O quinto ano me ajudou a fazer a curadoria e montagem da exposição. As fotos eram preto e branco, foi uma decisão das crianças, porque elas disseram que o Frederick Douglass era preto e branco também, que chique. E aí, a gente montou, então, eu tinha um painel com uma fotografia, um retrato de todas as crianças do Ensino Fundamental 1. Tinha quatrocentas e poucas fotos. E aí, naquele momento, nesse movimento, eu conheci quem eram as crianças do Fund 1. E eles me conheceram, também..porque... É muito íntimo você retratar uma pessoa, né? Eles

começaram a se abrir muito nisso, foi muito legal. Eles foram me trazendo essa ligação com... A cultura popular. “Ah professora...”, toda hora era isso, “Sabia que eu sei tocar pandeiro professora? Olha aqui, ó, posso trazer o pandeiro?”, “Você sabia que eu sei tocar o tambor? Eu posso trazer o tambor?” Vamo aí, fui escutando, escutando, fui escutando. Em 2022, eu tive que mudar de período, porque, finalmente, o colega se aposentou. E aí, eu fui fazer a GEIF e tive um aumento no salário, eu fui para o período da manhã com os adolescentes. E aí, foi como começar tudo de novo. Mas, eles já sabiam quem eu era.

Então, de novo, eu tive que lidar com a expectativa das pessoas sobre o meu trabalho. Eles estavam assim, porque eles... O professor... Como ele estava no processo de aposentadoria, ele também já quase não estava indo para a escola. Eles ficaram um período sem o professor. Começava a aposentadoria, não tinha ninguém, né? Ficou uma coisa meio nebulosa, assim. Muitos deles eram irmãos das crianças da tarde, que tinham o painel das fotos. Então, a primeira coisa que eles me diziam era... “Você vai tirar a foto da gente?” “Você tem que avisar o dia que você for tirar foto, professora, para eu fazer o meu cabelo!” “Gente, eu não vou tirar a foto de vocês, gente. Não vou, não tem porquê”, “Não professora...”, “Não, gente!”. E aí, tinha o ateliê que não era usado de manhã, só eu usava a tarde, e aquele ateliê tinha a minha cara. Porque aí, foi isso, como eu que montei, Raquel, só eu usava, eu ficava muito tempo lá dentro. Eu comecei a levar um monte de coisas. Então, tinha a toalha de mesa da minha casa. Eu arrumei um caixote, minha mãe achou um caixote de elevador na rua e trouxe para mim no carro. Porque era grande, assim. E aquilo virou estante. Aí, a partir do momento que eu tinha a estante, eu comecei a trazer os materiais educativos que eu tinha em casa. Livro de arte que eu tinha em casa. Comecei a trazer instrumento meu. Flor. Por planta. Sabe, assim, ficou algumas coisas. A diretora gostou. Aí, a próxima reforma.

Raquel: Essa era a diretora que estava lá antes? Ou que está atualmente?

Karine: É, que estava antes, ela estava em 2020 e saiu em 2023. E aí, ela reformou o ateliê, colocou pia, pôs azulejo, ela fez a obra do jeito que eu pedi, ela me perguntou. Já tinha passado no Conselho de Escola a instituição do ateliê. A gente é uma escola que tem, no PPP, “tem tantas salas de aula, ateliê de arte”... Então, os alunos do Fund 2 tinham uma expectativa enorme do que eu ia fazer. Aí, o que a adolescente faz? Treta com você quando você...[risadas] “Eu não vou tirar foto...” “Ah bleh bleh bleh!”. E aí, também fui, em 2022, fazer esse movimento de ouvidos. São muitos alunos, que é o período todo, então, são 14 turmas, 15 turmas na verdade, e aí, vezes 33, são quase quinhentas pessoas. Mas fui nesse movimento, de escutá-los, entender o que eles tinham para me trazer. Como que eu poderia ampliar o olhar deles para a arte. E aí, foi isso, eles foram me trazendo esse dado da cultura popular, e eles foram me ensinando, Raquel. Então eu aprendi, por exemplo, a tocar caixa com um aluno. Foi isso, eles foram me dizendo o que a escola gostava, o que aquela comunidade gostava de fazer. E eu fui na onda. E eu também... Chegou um momento que eu estava... A gente conseguiu formar um laço muito bacana, e eu admirava muito esses adolescentes. Gente, tinha uma menina que era trancista na sala. E eu falei, como que eu não vou aprender a trançar com ela? O outro que é mestre de bateria, como que eu não vou aprender com ele? O outro que rima. Rima! Como que eu não vou aprender a rimar com ele? Eu preciso aprender alguma coisa com essas pessoas. E eles foram muito abertos a isso,

então, a gente tinha uma troca. Claro que eu precisava, eu sou uma professora, tem um planejamento, mas esse planejamento, ele... Eu trago um assunto disparador, para a gente começar uma conversa, e eles me contam para onde a gente pode ir. E aí eu vou...

Raquel: Se adaptando?

Karine: É. Eu vou vendo como que a arte tá nisso, nesse assunto, e dificilmente a arte não está em um assunto. Então eu acho isso muito fácil de fazer, “Ah, vamos falar sobre...os coqueiros...Ah...nossa...! Né? tem muita coisa que dá...os assuntos, diversos, a gente pode fazer arte com eles né. Então isso foi muito legal, e aí isso foi me alimentando muito, foi me formando. E aí, eu percebi que esse contato com eles não era o suficiente, que eu precisava expandir um pouco. E aí, nos meus fins de semana com os meus filhos, em vez de eu, sei lá, ficar em casa, fazer qualquer coisa, “Ah, vai ter o Boi lá no Morro do Querosene. Vamos lá ver”, “Ah, vai ter uma peça de teatro, não sei o quê. Vamos lá ver”, “Ah, mas vai ter uma festa, não sei aonde. Vamos lá”. E aí... Que é uma coisa que eu sempre gostei de fazer com as minhas crianças também e que me lembra o meu contato com o meu pai, né? Então, as coisas foram se juntando, assim. Eu consegui enxergar um pouco melhor como essa coisa que me parecia muito íntima, se relacionava com o meu trabalho. Ao mesmo tempo que esses estudantes também foram abrindo lugares muito íntimos deles para mim, e a gente foi se conversando muito. Então, a relação foi acontecendo. E aí, posso até voltar lá naquela sua pergunta sobre o que é educação ,para mim, a educação é essa, é isso. É relação. Embora a gente esteja no contexto da escola, eu acredito que a relação que eu tenho com os estudantes...Hoje, claro, eu já estou na prefeitura há oito anos, sou professora desde os 17, hoje eu tenho 33. Hoje, eu consigo ver que o que eu faço com eles, o que eles fazem comigo, é a educação. A gente aprende juntos, na troca, na relação. Isso me fez ver mais razão de ser professora, assim. De estar mais contente com a profissão que me escolheu, porque...eu não queria. [risadas]

Raquel: Muito legal. Acho que eu ia perguntar agora, um pouco... Que é isso, né, você tem um projeto que foca em cultura popular, e você está na Theodomiro Dias, que é uma escola que acho que é aberta a essas temáticas. Agora, tem outras escolas, imagino que uma estadual, por exemplo, seria muito menos, e teria uma aula que ainda é focada no currículo, que tem que seguir tal matéria, sei lá o quê. Como que você enxerga isso? E como você enxerga aplicar o seu próprio projeto? Seja na Teodomiro Dias, que é o caso que você tem, real. Mas é... de encaixar isso com o currículo. E... E é isso. Também tem esse fator, que é a festa junina, que estavam querendo cancelar na escola. Enfim. Como que é implementar esse projeto numa sociedade um tanto conservadora? Enfim. Tem dificuldades?

Karine: Tem, sempre tem. Eu fui ver uma palestra da professora Vanda Machado. Ela é uma profissional da Bahia, ela implementou uma metodologia de ensino na escola para as crianças pequenas, ela é professoral alfabetizadora, assim né, e ela trabalha numa escola dentro de um Terreiro do Ilê Axé Opô Afonjá, um dos mais antigos da Bahia...sei lá se é o mais antigo, mas enfim. Um dos terreiros mais tradicionais da Bahia, tinha uma escola lá e ela vai trabalhar lá, dentro de uma metodologia que conversava com aquela comunidade. Então, ela ensinava as crianças a ler, escrever, fazer as contas, todos esses conteúdos, a partir do conhecimento do

terreiro. Então, tem um livro lindo que chama “Irê Ayó”, que ela narra um pouco essa história, e que ela conta que a aula de ciências era, por exemplo, fotossíntese, e ela ia falar do Iroko, que é essa árvore, o nascimento do terreiro. E aí, eu fui assistir uma palestra dela, e eu estava muito emocionada, porque eu acho que essa professora Vanda, é um baita exemplo, e aí eu falei pra ela, na hora que eu abriu para as perguntas, eu falei pra ela, emocionada, e que eu estava muito feliz, porque tinha chegado o atabaque na escola. E ela, na hora me interrompeu, ela falou assim “Olha só, as pessoas não podem entender errado o que eu fiz. Só tinha um atabaque dentro da minha escola, porque ela era dentro do terreiro. Se fosse dentro de uma igreja evangélica, não ia ter um atabaque.” E aí, eu fui pra casa e falei “Meu Deus, eu tomei uma chapulexada da Vanda Machado”. Sabe, eu fui pra casa, aquilo ficou, Raquel, e eu falei, gente, eu estou fazendo tudo errado, não era para eu ter esse atabaque dentro da escola, a escola não era dentro do terreiro. E foi assim, né? E refletindo e refletindo... agora né, a distância, depois de muito tempo pensando, eu concordo 100% com o que ela falou, e ainda bem que eu tenho um atabaque dentro da minha escola, porque esse atabaque que está lá dentro, porque houve um processo de escuta da comunidade. A gente vive numa comunidade, a Theodomiro Dias, atende pessoas que moram em bairros muito distintos ali, não é... A gente não é uma escola que atende quem está em torno, né? As crianças, os adolescentes, sempre vêm de vários bairros distantes. São bairros periféricos de uma migração nordestina muito grande. Muitos nordestinos ali. Que vêm com a cultura da festa junina, mas daquela festa junina, da quadrilha, tradicional, são assim, da Joelma, com aquela... Sabe, né? Essa é a festa junina deles. Muito terreiro na região, muita criança de terreiro, muita, escondida. Muita criança evangélica? Muita evangélica, mas também muita criança de terreiro na escola, que estavam escondidas. Ali, a Theodomiro Dias, é uma comunidade muito diversa. Mas esse atabaque só está lá dentro, porque tem um processo de escuta. E aí eu entendo hoje a professora Vanda falando, se eu não estivesse lá, o atabaque não estaria ali, não faria sentido.

Raquel: Depende do território, né? Da comunidade que frequenta a escola...

Karine: Isso. Então, eu acho que a questão, o lance é você escutar a comunidade. A educação, ela vai funcionar. Já dizia Paulo Freire... A partir do diálogo, se for uma troca, precisa ter um diálogo. E o diálogo requer escuta. Você tem que escutar o que as pessoas estão te dizendo. A Theodomiro é a minha oitava, sétima escola na rede. Eu trabalhei em muitas outras escolas antes, que tinham outras características. E talvez tivessem outras necessidades para o ensino de arte, para o ensino dos seus outros componentes curriculares. As outras escolas... Eu sempre fiz esse trabalho, eu tive essa mentoria, eu tive essa dica, assim, logo no começo “Escuta o que o aluno está te dizendo”. Uma dessas professoras que passaram pela minha vida que me ensinaram isso. Então, eu sempre tive essa vontade de ouvir o que os alunos estavam dizendo. Nem todas as escolas que eu trabalhei eram assim, tinham escolas que trabalham com o currículo e acabou. Tinha escolas que eram mais abertas ao diálogo, mais freirianas. E aí, a coisa acontecia, do meu ponto de vista, com mais qualidade. Então, eu acho que tem isso, né?

O Currículo da Cidade de São Paulo, ele chama o professor de arte, de artista docente. Então, a gente tem campo de criação artística. Eu posso ser vista como uma artista que eu sou, não só como uma produtora dos conteúdos, que é diferente do que tem acontecido no

Estado hoje. Com esse desmonte da educação estadual, é um baita desafio. Eu não acho que o professor... O professor está ali como uma vítima desse sistema, né? Assim, por mais que o professor queira ser dialógico, ele está inserido num sistema que não vai dar pra viver isso. Então, eu acho que esse é um desafio. Pensando, né, no trabalho da cultura popular. Qualquer trabalho, né? Como é que você educa alguém dentro dessa situação que está posta no Estado. Agora, o que acontece na prefeitura? Existe um projeto. A gente está com uma prefeitura que é alinhada aos lugares do Estado, né? Uma prefeitura de direita, que também tem essa condição do Estado mínimo, que está preocupada com lucro, que está preocupada com índice, que quer gastar menos, que quer guardar dinheiro em caixa, que quer beneficiar o homem, que é lá das grandes empresas da educação. É isso que a gente tem. Eu estou sentindo que esse segundo mandato do governo está vindo mais opressor. E ele tem o apoio da população para isso. Porque a notícia que é noticiada são os baixíssimos índices das escolas, não os trabalhos fabulosos que as escolas têm feito para a sociedade, porque hoje, pensando em São Paulo, nesse microcosmo nosso, não existe instituição no Estado que faça o trabalho que uma escola faz, de cuidar de criança e de adolescente. E de projeto de sociedade mesmo, né? Então, tem um plano e aí dentro desse plano vem essa coisa da festa junina. Acho que isso a gente pode analisar longamente. Acho que tem um fundo também religioso com isso, porque a festa junina, embora ela seja uma festa relacionada aos católicos, ainda assim é uma festa do povo. Quem é que quer o povo brincando, Raquel? Não quer, ninguém tá ganhando dinheiro com isso. Então, a gente recebeu esse ano, a notícia veio que a supervisora da escola veio conversar com a direção e tudo mais com muitos argumentos do por que a gente não poderia ter a festa junina, o argumento de que não é pedagógico, o argumento de que não se pode vender nada dentro da escola, tudo bem, lá na escola, a gente não vende mesmo, as crianças brincam de graça, a gente faz um mesão comunitário, todas as famílias trazem um prato de comida para compartilhar. E é a coisa mais linda que eu já vi na minha vida, Raquel. Eu nunca vou esquecer a cena daquela mãe que tinha quatro filhos na escola chegando com uma travessa deste tamanho [abre os braços para simulando o tamanho da travessa] de lasanha, para compartilhar na festa junina. A outra, o pai era da pizzaria lá da quebrada e trouxe dez pizzas. Não tem ninguém que chega com um bolinho que comprou na... Porque são famílias que estão inseridas nessa cultura da comunidade. A maioria dessas pessoas que vieram dos seus estados, das suas cidades do Nordeste, elas vivenciaram esse tipo de festa, que cada uma levava um prato e compartilhava e todo mundo comia e ficava feliz. Então, assim, é a coisa mais linda do mundo, essa festa, essa parte do mesão. Todo mundo come, sobra comida. Todos os professores vão embora no fim do dia que a gente trabalha pra caramba na festa, com pelo menos uma sacola de mercado cheia de comida. Porque é muita comida. E todo mundo come sem miséria. Quer comer três, cinco pedaços de bolo, dez não sei o que, come! As pessoas trazem canjica, trazem milho, trazem curau, trazem tudo. Então, tinha esse argumento de que não se pode vender coisa na escola, aí nós falamos “Oh, nós não vendemos, a comida é de graça”. Todo mundo brinca, é pedagógico, porque a gente mostra para as famílias o processo do que aconteceu no primeiro semestre. A gente dança um assunto que a gente estudou dentro da escola, e é um dos únicos momentos que a nossa comunidade de pessoas, trabalhadoras, que vivem a dois quilômetros e meio de distância da escola, conseguem ir para dentro da escola para ver o que está acontecendo, conhecer a professora do filho. Então, é pedagógico. “Ah, mas... Ah, então vocês têm um

mesão comunitário, mas não pode trazer comida de fora para dentro da escola”. Então, tudo o que a gente foi elencando, de trabalho potente, de educação franca, ali acontecendo, foi tendo um contra-argumento para que não acontecesse. A gente, enquanto comunidade escolar, decidiu bancar. Vai vir bronca, sei lá, o que eles vão fazer para punir a gente. E nós decidimos isso sim, com muita tranquilidade, "Gente! Aconteceu isso, isso, a Supervisão veio e trouxe esse problema lá, lá, lá. O que a gente vai fazer com a Festa Junina? A gente vai fazer!". E aí, chegou agora, hoje, né? Professora, a gente não vai falar de festa junina? Vamos, vamos falar de festa junina. “Karine, isso já está demorando...”. Que nem no ano passado, em outubro, a menina falou: “É Karine, e o carnaval, você não começou a falar de carnaval, já estamos em outubro!”. Ai eu: “Vamos fazer o carnaval então”. Então, é, eles vivem isso.

Raquel: Acho que é uma ótima pergunta, talvez. Meio... Como você elabora as suas aulas? Porque é uma coisa que você vai indo no fluxo dos alunos, né? Você busca escutar eles e tal, mas você tem um projeto que é de longa duração, né? Durar um semestre, durar um ano. Como que isso se desenrola? Como é que você se planeja para isso? Que é muito legal. Funciona bem.

Karine: Nossa, estou feliz. Acho que esse é o primeiro passo para funcionar bem, né? Se eu estivesse ensinando uma coisa que eu não gosto, não ia funcionar. Bom, eu tenho assim, Raquel, hoje... pensando isso agora em 2025, pode ser que em outro momento eu tenha feito de outro jeito. Mas hoje, como eu já estou nessa escola desde 2020, eu já conheço um pouco melhor os alunos. Não que... Eles são adolescentes, eles mudam todo dia. Então, claro, não é porque eu já os conheço que eu posso deixar de ouvi-los, eu preciso continuar ouvindo eles. Como eu já sei que o lance ali, que a pegada ali é cultura popular, e eu estou gostando desse assunto também. É isso, para mim também, além de ser um lance, é como eu disse, é meio que um resgate da minha identidade também, de quem eu sou, da maneira como eu quero criar os meus filhos, o projeto de sociedade que eu acredito. Eu já tenho a cultura popular como o mote. Então, do 5º ao 9º, a gente vai falar de cultura popular sob algum aspecto. E aí, eu vou pegar o currículo da cidade, eu vou olhar o que tem para aquele bimestre, para aquele agrupamento, para que ano, que tipo de habilidade eu preciso trabalhar, quais são os assuntos, como são os objetivos para aquele ano. Normalmente, eu pego os objetivos gerais, eu dificilmente olho os objetivos específicos de teatro, música... porque aí os objetivos gerais vão me dar um caminho. E aí, eu vou dentro daquilo que eu também quero descobrir, colocando, pensando junto desses objetivos. Vou dar um exemplo prático. Aí, depois que eu faço isso, eu vou olhar os objetivos específicos para cada linguagem e pensar como que eu posso trabalhar cada linguagem dentro deste assunto que eu estou querendo descobrir e também estudar. Então, dando um objetivo prático agora, por exemplo, no começo do ano, como os sextos anos... Não, vou dar um exemplo do sétimo. No sétimo ano, a gente já estava nessa pegada no passado, o Boi, pa-ra-ra, eles super afim, gostam de se apresentar, sei lá, tem uma coisa que eles gostam do teatro, e aí tem uma menina super tímida, que fala super baixinho. No ano passado, a gente... “Quem vai ser o amo do Boi?” Ela: “Eu!” A pessoa que tem mais fala no alto do Boi. E eu “Nossa! Vamos!”. Eles estavam super envolvidos e no começo do ano passado, a gente tinha no Carnaval trabalhado o Carnaval de Olinda. No começo desse ano, eu sempre começo o ano falando de Carnaval. Eu sempre falava Carnaval.

E aí, eu estava estudando Frevo com o sétimo ano do ano passado, e aí surgiu a oportunidade de trazer um mestre e uma passista para se apresentar no Carnaval. E aí eu falei com o sétimo ano assim “Gente, olha, vai vir o mestre, eu mostrei um vídeo, essa pessoa vai vir aqui na festa de Carnaval, como ele vai vir de graça, o que ele faz para agradecer a vida dessa pessoa que vai vir aqui compartilhar uma coisa tão maravilhosa com a gente?”, “Ah, a gente pode apresentar o Boi? Ele vai gostar?”, “Ah, vamos perguntar”. As crianças escreveram cartas para o mestre: “Mestre, vem para a nossa escola.”, “Quando é que você vem?”, “Você gosta do Boi?”. Eu sei que ele gosta, conheço ele. Ele vai vir, e ele gosta do boi, “Ah, então, deixa eu apresentar”. E aí eles super se empenharam em fazer o boi na-na-na, tudo isso em um mês. Eles tinham umas coisas meio feitas, mobilizei umas outras turmas para ajudar, eles ensaiando para caramba. Fizeram, apresentaram. Apresentaram o Boi para a escola inteira em agradecimento ao mestre. Acabaram a última palavra que eles falaram no fone, “Obrigado mestre”. Gente, que coisa linda isso. E aí eles ficaram atrás do mestre e da passista, porque o mestre voa quando dança frevo. E aí eles falaram, a gente pode aprender a dança frevo? Pode. Então, vamos aprender a dançar frevo. E aí ficamos o primeiro bimestre dançando. A gente dançou, a gente escutou as músicas, a gente viu o que é uma festa de frevo, a gente leu também um texto que falava um pouco sobre a origem do frevo, a gente viu um vídeo do mestre Nascimento do Páscoa, um livro, um título do mestre Nascimento do Passo, e assim a gente foi construindo. A gente chegou e aí é uma turma, são turmas que gostam muito de desenhar. Bom, eles vão para o corpo, eles gostam, mas eu sinto que eles estão o tempo todo me pedindo o desenho. Então, vamos para o desenho. A gente está montando agora um brinquedo, que é um boneco articulado, que é um passista de frevo. Então, a gente ficou estudando o desenho de figura humana, assistindo os vídeos dos passistas, desenhando os movimentos, fizemos uma aula de modelo vivo, as crianças faziam as coisas, desenhamos, agora esses desenhos vão virar um brinquedo, que tem um nome, João não sei o que, é um boneco articulado da cultura popular, a gente vai fazer adaptado, de papel. E aí, hoje, que era o dia que a gente estava chegando na fase final do boneco, eu falei, vamos, depois que a gente terminar, o que a gente faz? Vamos transpor a linguagem de novo? Vamos fazer um vídeo brincando com bonecos, stop motion? Vamos, vamos, vamos. Aí, hoje, eu cheguei lá com dois, setemos anos. “Karine, e a festa junina?”. Aí eu falei: “Vamos fazer a festa junina, mas vamos terminar o boneco?”. Eles: “Não, não sei o que, não sei o que, é isso...a gente quer fazer quadrilha”. Eu falei: “Vamos fazer quadrilha. Gente, para tudo, vocês viram o concurso da moça lá de Juazeiro?”. Eles: “Não, o que aconteceu?”. Eu: “Eu vou trazer o vídeo na aula que vem, ela é um destaque, essa mulher dançou e na hora que ela girou, ela abriu e tinha fogo de artifício no vestido - fiquei em choque - Gente, a gente precisa ver. Então, a quadrilha que a gente vai fazer, o que vocês acham de a gente fazer essa quadrilha?” Não, a quadrilha estereotipada, caipira, paulistana. O que vocês acham de a gente fazer essa quadrilha? Essa é a quadrilha de verdade. Então, já temos mais um passo, e aí tudo isso, então, veja, o desenho, ela tá dentro dos objetivos, dentro do currículo. A maneira como eu fui fazendo essa sequência didática, mesmo escutando os alunos. O Frevo, vai...conversando com o currículo o tempo todo. Ah, agora que nem agora. Eles falaram para mim que eles querem a quadrilha. Então, vamos precisar chegar, estudar, certos vídeos, eu vou estudar, vou ver o que que isso combina de acordo com o currículo, quais são os objetivos. Eu já trabalhei com os objetivos da dança, do primeiro submestre, os objetivos das artes visuais. Agora,

posso trabalhar os objetivos da música, vou trabalhar a dança de novo. E aí vou construindo nesse diálogo mesmo, assim, eles estão me dizendo, eu vou fazendo essa interlocução com o currículo e vou aprendendo. Porque eu não sei nada de quadrilha, agora eu preciso aprender. É muito legal. Respondi?

Raquel: Respondeu, respondeu. Acho que é isso, assim, tipo, separei um monte de perguntas, mas acho que já passou por todas elas, de alguma forma.